

DA *CUCAGNA* AO *SANGUANEL*: CONSIDERAÇÕES SOBRE IMAGENS E IMAGINÁRIOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Ms.Alexandra Marcella Zottis¹

RESUMO: O processo da imigração italiana no Rio Grande do Sul é repleto de imaginários. O artigo pontua a relação da imigração com os imaginários. Aborda de que forma a campanha destinada a recrutar imigrantes para atuar em terras brasileiras aproveitou-se do mito do *Paese di Cucagna*. Também aponta o modo como a travessia transoceânica assumiu tons de epopéia, as dificuldades enfrentadas na chegada e os primeiros dias na mata e os seres fantásticos que povoavam o imaginário. Destaca, ainda, a utilização desses recursos para revigorar a Festa da Uva de Caxias do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: imigração italiana; deslocamento; imagens; imaginários e turismo

Introdução

O processo da imigração italiana no Rio Grande do Sul tem recebido atenção constante de historiadores e pesquisadores, através de estudos que pontuam as mais diversas abordagens. A imigração é também um deslocamento e, como tal, permeado de imagens e imaginários como são todas as viagens. A proposta aqui é evidenciar aspectos como a busca pelo *paese di cucagna*, a travessia pelo mar, a chegada e a mata, e seres com o *Sanguanel* e a *strega* que povoavam o cotidiano já nos primeiros anos na nova terra. Esses elementos merecem uma atenção especial dos estudiosos em turismo pelas possibilidades que oferecem no campo cultural.

No além mar, agentes de imigração e propagandistas “vendiam” aos italianos a promessa de um mundo novo, onde cada um seria o seu próprio patrão, bem longe da miséria e da falta de perspectivas que permeavam o solo italiano. A intensa campanha de imigração reforçava no imaginário popular a imagem do país da *cucagna*, com rios onde o leite corria abundante e frangos despencavam dos céus.

A travessia de navio que partia dos portos italianos em direção ao novo continente, impregnada das dificuldades que eram comuns a esse meio de transporte na época, assumia tons de epopéia pelos relatos presentes nas cartas enviadas pelos que chegavam ao destino aos familiares que tinham ficado na Itália. Um deslocamento repleto de perigos e sofrimentos refletia na imagem do *herói desbravador*, alguém dotado de enorme coragem para abandonar suas

¹ Mestre em Turismo pela UCS. Professora da FEEVALE.

origens rumo a um mundo desconhecido.

Após a chegada ao Brasil, os imigrantes que foram enviados à região conhecida hoje como serra gaúcha, enfrentavam a mata fechada, o medo dos animais selvagens e o isolamento. Nesse período, antes que os vilarejos começassem a adquirir suas feições, a sobrevivência dependia do que se podia aproveitar da natureza. Nas comunidades que começavam a se formar, não faltavam igualmente relatos de seres fantásticos como o *Sanguanel* e a *strega*, demonstrando recortes do imaginário popular sustentados em mitos e lendas.

Os imaginários podem ajudar a compreensão da questão imigratória sobre outras nuances. Como referencia Gastal (2005, p.54) viagens e imaginários sempre andaram juntos:

Em épocas muito antigas, nos deslocamentos humanos a pé ou com tração animal, haveria o medo das entidades que habitavam as matas, as montanhas, os oceanos, enfim, o território a percorrer. Esses medos, expressos em diferentes mitologias, mostravam deuses, duendes e bruxas que tornavam assustador o escuro da floresta ou imensidão das montanhas. [...] Em outros tempos, vencer o pequeno mundo europeu para conquistar o Oriente, a África e as Américas significou não apenas cruzar com suas ondas e tormentas, a bordo de navios pequenos e precários, mas neles enfrentar polvos gigantes, baleias assassinas e sereias perigosas pelo seu poder de sedução sobre os navegantes.[...]alcançar as terras além-mar significaria chegar a um lugar de maravilhas e riquezas, a um paraíso que os faria esquecer os sofrimentos e as preocupações (Gastal, 1998, p.57-58).

Em relação ao turismo, Gastal (p.82) ressalta que os imaginários podem ajudar a trabalhar bem melhor, desde o planejamento à comercialização. Além disso, o turismo necessita da diversidade que os imaginários podem proporcionar.

Rumo a Terra da Abundância

A relação da imigração italiana para o Sul do Brasil está impregnada de imaginários. Num primeiro momento, é preciso buscar a compreensão dos fatores que influenciaram a vinda dos imigrantes para o solo brasileiro, principalmente a partir de 1875, numa abordagem que não se detém a fatores econômicos. Conforme Ribeiro, o binômio miséria e frio é entendido pela maioria dos descendentes de italianos da serra gaúcha como a principal razão que levou milhares de camponeses a deixar a Itália e emigrar para o Brasil:

Tanto os relatos familiares, como as cartas, os diários e as autobiografias populares dos imigrantes fornecem dados, ainda que sintéticos, da situação em que viviam. [...]Em síntese, a memória popular seleciona e identifica as causas da imigração em dois aspectos essenciais: a fome e a necessidade de trabalho que, para o camponês, significavam, essencialmente, a falta de terra para cultivar (Ribeiro, 1998, p.76).

No que diz respeito ao Brasil, segundo Ribeiro (p.77), a imigração atendia à política do governo nacional de promover o povoamento e a colonização de terras devolutas, atraindo mão-de-obra europeia. Para atingir esse objetivo, o governo utilizava intensa campanha de propaganda, apregoando a América como a Terra da Abundância, “*il paese di cucagna*”. Emissários do governo, das companhias de colonização e das sociedades de navegação se encarregavam do agenciamento de imigrantes.

O empenho propagandista, segundo Dezem (2005, p.85), decorria da disputa do Brasil com seus vizinhos próximos para atrair a mão-de-obra imigrante, e um esforço para minimizar os sinais de propaganda antiimigratório em países europeus:

Atrair imigrantes europeus, graças à construção de uma imagem positiva de nação tropical, aos olhos de nossos potenciais fornecedores de mão-de-obra branca, boa e barata, como a Itália, a Espanha e a Alemanha, era um dos objetivos principais da nascente propaganda, veiculada por sociedades imigratórias que começaram a surgir na década de 1870 (Dezem, 2005, p.84).

Do outro lado do Atlântico, a crise que atingia a Itália e as poucas perspectivas de uma vida mais digna, davam eco às promessas dos recrutadores e agenciadores. Para Ribeiro (1998, p. 79), é preciso considerar também “a força do imaginário tecendo visões antecipatórias de encontrar, na América, o paraíso, a Terra da Promissão.” A *cucagna* embalava os sonhos e ajudava a amenizar a dor e a incerteza de deixar o vilarejo natal e os familiares. Afinal, na América anunciada todos teriam suas próprias terras e a abundância faria parte do dia a dia.

A travessia

Os relatos da viagem dos portos italianos até a chegada ao Brasil transbordam dramaticidade. Das doenças que minavam os ânimos aos mortos que acabaram tendo o mar como sepultura,

constrói-se um imaginário de dificuldades e sofrimentos. Maestri salienta:

É crível que morte de crianças e velhos durante a viagem- assim como os eventuais nascimentos- tenham ficado registrados na memória da emigração sobretudo devido ao momento peculiar em que ocorreram. Nesse sentido, a travessia certamente serviu, como outros fenômenos extraordinários- enchentes, revoltas, etc.- como fator de organização e consolidação de uma memória familiar. O fato de que os entes queridos ficassem insepultos- já que sepultos inabitualmente pelo mar- certamente pesou poderosamente sobre a memória da comunidade envolvida pelo acontecimento (Maestri, 1999, p.200)

Não se pode deixar de considerar que em 1875 qualquer viagem de longo percurso implicava em desprender-se muitos dias para se chegar ao destino. No caso dos deslocamentos transoceânicos, o conforto maior ficava reservado aos passageiros da primeira classe. Ribeiro (1998, p. 85) salienta que, como objeto do imaginário, o navio acaba revestido de grande força simbólica entre os descendentes dos imigrantes na Região Colonial Italiana. Conforme a autora (p.83), a travessia feita às vezes em barcos à vela e não a vapor como era prometido pelos agentes e recrutadores, permanece na memória coletiva, como a síntese de uma experiência dramática do medo, da imprevisibilidade da viagem ao desconhecido e da separação definitiva da terra natal.

A chegada

A ocupação inicial das áreas destinadas pelo governo para os imigrantes que chegavam reforçava as imagens e os imaginários sobre o novo país a ser desbravado. Diante da mata fechada, os sons dos animais selvagens e a distância dos recursos que podiam ser oferecidos pelas vilas, aumentavam a sensação de isolamento. Além disso, antes mesmo da partida da Itália, o imaginário sobre o territórios americanos era povoado de selvagens e feras. Maestri destaca:

Na Itália, o emigrante vivera no seio de comunidades aldeãs. As matas e as florestas brasileiras assombravam o seu imaginário, desde o momento em que se decidiu a partir para o Brasil e sintetizavam- material e simbolicamente- o caráter inculto e selvagem dos territórios americanos que deveriam ser desbravados pelos colonos recém-chegados. O espaço não civilizado por excelência. Na Itália, eram abundantes as histórias sobre animais selvagens e índios temíveis, habitantes das matas americanas. Em verdade, essa visão da realidade brasileira, apenas modificada, permanece até hoje. Para boa parte dos italianos, o Brasil é ainda uma terra coberta de matas selvagens e habitada por uma infinidade de animais selvagens, onde dominam as cobras e os macacos (Maestri, 1999, p.203)

Com a chegada, o *herói desbravador* tinha outro desafio a vencer: sobreviver com poucos recursos. No relato dos descendentes, são recorrentes as narrativas sobre as dificuldades enfrentadas pelos antepassados em obter uma alimentação saudável. No meio da mata fechada, recorria-se ao pinhão e a carne de caça (porcos do mato e passarinhos, por exemplo) para amenizar a fome.

Para Ribeiro (p.87), o estranhamento foi o mais difícil desafio confrontado pelos imigrantes, já que a grande distância não era apenas espacial, mas também social, tecnológica e econômica. O próprio traçado das colônias e o tamanho dos lotes colônias enfatizavam a dispersão social.

Esse Sanguanel !

Da antiga Itália, além das ferramentas e dos sonhos de prosperar na nova terra, os imigrantes trouxeram uma rica tradição oral a respeito de seres mitológicos e lendários presentes no imaginário popular. Nos momentos de convívio nas colônias, ao lado das histórias sobre o país de origem, a travessia dramática e o desafio de sobreviver na mata selvagem, ressurgiam, agora com pinceladas de cores locais, relatos de personagens fantásticos como o *Sanguanel* e a *strega*. Para a pesquisadora de cultura popular Tânia Tonet (2005), embora não sejam os únicos personagens presentes nos mitos e lendas regionais, podem ser considerados os dois mais significativos.

De acordo com Tonet, uma criança que fosse atingida pelo olhar de uma *strega* passava a definhar sem maiores explicações, sofrendo o mal de *simioti*. A única salvação era benzer o menino ou menina prejudicados. Outra curiosidade peculiar se refere à forma de confirmar se uma mulher era ou não uma bruxa. Ao passar por uma “suspeita”, devia-se contar sete passos e virar repentinamente. Se ela também se virasse, se estaria diante de uma legítima *strega*.

O *Sanguanel*, representado nos relatos mais freqüentes como um ser pequeno, todo vestido de vermelho e muito rápido, não chegava a causar mal. Preferia promover estripulias, como trançar as crinas dos cavalos, levantar as saias das moças, “roubar”o chapéu dos cavalheiros. Também se atribuía ao *Sanguanel* a façanha de levar crianças e escondê-las no mato, alimentando-as de uma mistura de leite, amora e mel. Após um tempo, as crianças eram devolvidas sãs e salvas.

Segundo Tonet, tanto o *Sanguanel* quanto a *strega* eram muito usados como elemento repressor. Ao filho que não se comportasse, a mãe ameaçava com uma dessas personagens.

A Festa da Uva- exemplo de para reviver/revigorar imaginários

A Festa da Uva de Caxias do Sul ocorre, atualmente, de dois em dois anos. Idealizada por Joaquim Pedro Lisboa como forma de incentivar e promover o plantio de uvas viníferas, teve a sua primeira edição em 1931, mais em caráter de mostra e durando apenas um dia. O resultado obtido incentivou a continuidade do evento. As quatro primeiras edições ocorreram num intervalo de um ano. A mudança na periodicidade - com a quinta edição sendo realizada somente em 1937-, se deu, principalmente, por questões financeiras.

De 1938 a 1949, a festa sofre interrupção em decorrência da Segunda Guerra Mundial. A festividade recomeçou em 1950. A periodicidade do evento não foi regular. O intervalo entre uma e outra edição variou conforme as décadas. De quatro em quatro anos na década de 50, de três em três na década de 70 e início de 80, e, a partir de 1994, de dois em dois.

Durante essas mais de sete décadas, a Festa da Uva enfrentou crises de identidade, marcadas, principalmente, pela dificuldade da comunidade se reconhecer no seu maior evento. Ribeiro (1998, p. 255) considera que o início da recomposição do princípio regulador que orientava o processo de construção da identidade da Festa da Uva se dá a partir da década de 1990. Um dos fatores sinalizadores foi o retorno do controle acionário da empresa Festa da Uva Turismo e Empreendimentos S.A. para o Município de Caxias do Sul. Ao lado da mudança acionária, a escolha e a composição de uma Comissão Comunitária já para a edição de 1994, permitiu a adoção de ações que refletiram positivamente junto à população.

Na Festa da Uva de 1996, o desfile de carros alegóricos, concebido a partir do tema *A América que nós fizemos*, proporcionou uma releitura dos imaginários relacionados à imigração. Ribeiro (p.285) descreve a alegoria de recrutadores de imigrantes que, na Itália, no século passado, distribuíam panfletos aos camponeses sugerindo a América, como *Il Paese di Cucagna*, o País da Abundância. Na encenação, recrutadores subiam num caixote e anunciavam o Novo Mundo como paraíso, convidando todos: Vamos para a América!

Outra alegoria (p.285) retratava o Castelo do *Paese de Cucagna* representando a abundância gastronômica, o prazer, o ócio, a alegria e a riqueza. O cartaz que anunciava o Castelo do País da Abundância (p.287) estava escrito: "*Paese di Cucagna dove chi manco lavora piú guadagna*"

“País da Cocanha onde quem menos trabalha, mais ganha”)

O desfile do curso alegórico apresentou ainda alegorias para simbolizar o navio- carro símbolo da viagem, a chegada na nova realidade e as figuras lendárias que povoavam o imaginário como o *Sanguanel* e a *strega*. Nos pavilhões do Parque Centenário, sede da Festa da Uva, atores da comunidade interpretavam o *Sanguanel* em investidas que inquietavam e encantavam os turistas.

Ao aproveitar de forma lúdica elementos do imaginário popular da imigração italiana, a Festa da Uva de 1996 demonstrou as amplas possibilidades ofertadas ao se trabalhar um evento com base cultural. Embora esse recurso tenha se repetido em outras edições, a de 1996 ficou marcada por aproveitá-lo com mais vitalidade.

Considerações

Ainda há muito para contar sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul, embora seja inegável a contribuição já dada por estudiosos e pesquisadores em variadas áreas como a história e a antropologia. A relação desse processo com imagens e imaginários é apenas um dos exemplos de como lançar outras nuances sobre o tema.

Para o Turismo, é indispensável perseguir sempre novas possibilidades. Do evento que aproveita seres lendários como o *Sanguanel* e a *strega*, a rotas turísticas que ao invés de “maquiarem” casas para representar o antigo, baseiam esses produtos nos relatos que povoam o imaginário de novas e velhas gerações. O respeito à história e à cultura das comunidades interessadas em trabalhar com o turismo representa sempre um avanço em direção a um turismo que traga benefícios para todos.

Referências bibliográficas

DEZEM, Rogério. Propaganda e contrapropaganda na imigração. Revista história viva. Ano II, nº19, maio de 2005

GASTAL, Susana. Turismo, imagens e imaginários. São Paulo: Aleph, 2005. Coleção ABC do Turismo.

MAESTRI, Mário. A travessia e a mata: memória e história. In: Dal Bó, Juventino; Iotti, Luiza Horn; Machado, Maria Beatriz Pinheiro (orgs). Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana- IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Caxias do Sul: Educs, 1999.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. A celebração da festa: conhecer e de dar a conhecer a própria

identidade. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 1998.

Bibliografia

Fontes primárias

TONET, Tânia Maria Zardo. Pesquisadora da cultura popular. Entrevista concedida no dia 14/05/2005.